



Universidade Federal de Ouro Preto
Centro de Educação Aberta e a Distância



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A Inclusão Escolar e seus Desafios

Alessandra Gonçalves de Oliveira

Caratinga- MG

2022

Alessandra Gonçalves de Oliveira

A Inclusão Escolar e seus Desafios

Artigo científico apresentado ao Curso de Graduação
em Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto
para obtenção do título de Pedagogo

Orientadora: Janete Flor de Maio Fonseca

Caratinga-MG

2022



FOLHA DE APROVAÇÃO

Alessandra Gonçalves de Oliveira

A Inclusão Escolar e seus desafios

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, modalidade a distância, da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em 20 de julho de 2022

Membros da banca

Professora-Doutora Janete Flor de Maio Fonseca - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Professora-Mestre Rosana de Figueiredo Ângelo - Universidade Federal de Minas Gerais

[

Profª-Drª Janete Flor de Maio Fonseca, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 20/07/2022



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Marcelo Jackson Ferreira da Silva, COORDENADOR(A) DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**, em 10/08/2022, às 12:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0377583** e o código CRC **118157F5**.

SUMÁRIO

Resumo.....	06
Introdução.....	07
Educação Inclusiva: Uma revisão bibliográfica.....	09
Narrativa de experiência.....	12
Conclusão.....	16
Referências.....	19

A INCLUSÃO ESCOLAR E SEUS DESAFIOS

Alessandra Gonçalves de Oliveira

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular, com o objetivo de analisar a política de inclusão e os seus reflexos nos processos de socialização e de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, observando sistematicamente o interesse e o comportamento dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Palavras-Chaves: Educação Inclusiva. Alunos. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A complexa sociedade atual é caracterizada pelo nascimento de novas categorias de diversidade que, além de compreenderem as necessidades formativas dos alunos portadores de necessidades especiais, preocupam pessoas com desconfortos, dificuldades de aprendizado e relacionamento, ou com necessidades educacionais especiais.

Quando se fala em inclusão escolar, logo imagina-se o quadro de inclusão por algum tipo de deficiência, porém pode-se ir muito mais além, uma vez que nos dias atuais observa-se cada vez mais a exclusão de pessoas por inúmeras situações e motivos; sejam estes físicos ou não. Uma pessoa com necessidades especiais tem uma capacidade reduzida de interagir com o meio ambiente social, do que é considerado normal, portanto é menos autônomo na realização das atividades diárias e muitas vezes, em condições de desvantagem ao participar da vida escolar ou social.

A reflexão apresentada neste artigo, faz uso do resultado de pesquisas

exploratório-qualitativo sobre situações inclusivas e a dimensão prática e suas possíveis influências da formação específica no ensino dirigido a alunos portadores de necessidades especiais, no que diz respeito à transformação de atitudes na perspectiva de um princípio educacional inclusivo que pressupõe a diversidade como elemento constitutivo e unificador do ser humano. Pesquisar e investigar a compreensão da inclusão expressa em atitudes inclusivas de professores, currículos e apoio, cursando especialização para atividades de apoio a alunos com necessidades especiais. Os resultados surgiram e aqui apresentados de forma parcial, permitem aprofundar a questão concernente, a formação de professores para apoiar e formular reflexões posteriores, todos em uma direção inclusiva que abrange significados mais amplos.

Embora o conceito seja sempre amplamente discutido pelos estudiosos da educação, infelizmente esse tema ainda pode ser mal compreendido por algumas pessoas, pois muitas vezes vemos expressões a respeito de inclusão escolar sendo usadas de maneira inadequada. Vale portanto, lembrar que a inclusão deve ser um exemplo que devemos difundir e aplicar nos mais variados espaços, sejam eles educacionais, simbólicos, culturais, físicos e sociais, pois a partir da inclusão podemos reconhecer cada indivíduo na diversidade de suas especificidades, suas identidades, seus gêneros, suas características, sua herança cultural, seus descendentes etc. Como afirma CAMARGO EDER PIRES DE (2017, p.1), “ inclusão” portanto, é uma pratica social que se aplica no trabalho, lazer, educação, cultura, mas sobretudo na atitude e na compreensão das coisas, umas das outras e entre si”.

A partir desse contexto, devemos exercer esse olhar sobre cada indivíduo. De grande importância para o processo de inclusão nos ambientes escolares, a construção de salas especializadas de ensino tem fomentado debates em diversos espaços como cursos de formação continuada, projetos políticos pedagógicos, encontros com a comunidade escolar, entre outros.

MANTOAN, MARIA TERESA (2006, p.7-8), diz que:

há diferenças [...] e há qualidades , e nem tudo deve ser igual, nem tudo deve ser por outro lado, é necessário que tenhamos o direito de ser diferentes quando a igualdade nos deturpa e o direito

de ser iguais quando a diferença é inferior a nós

E ainda há muitos aspectos em sua implementação que precisam ser discutidos, avaliados e esclarecidos com profissionais da educação para que os objetivos sejam realmente alcançados, como o desenvolvimento social e cognitivo dos alunos especiais, bem como, não menos importante sua interação com outros alunos.

Falar de educação inclusiva implica a necessidade de proceder a uma primeira escolha de perspectiva entre duas visões que podemos definir respectivamente partitiva e sistêmica, que correspondem substancialmente a diferentes modelos educacionais. A primeira deriva de um paradigma exclusivamente medico-individual e centra-se no processo de intervenção dirigido a alunos com deficiência ou qualquer outra forma de necessidade educacional especial. A segunda visão de natureza sistêmica, coloca o próprio sistema educacional, com o objetivo de criar comunidades de aprendizagem para todos os alunos. O foco neste caso é o desenvolvimento do potencial do aluno, a intervenção educativa, integrada ao sistema regular será destinado a todos e não apenas àqueles com necessidades. A organização educacional e seus contextos, sofrerão mudanças substanciais para se tornarem ambientes inclusivos.

Na escola, incluir significa remover barreiras à aprendizagem e à participação para garantir o sucesso acadêmico de todos e de cada um. Apesar disso, atuar de forma inclusiva na escola ainda é difícil, pois está sobrecarregada de visões deterministas; subestima-se que a responsabilidade pela ação inclusiva não é apenas dos professores e educadores, mas de toda a sociedade. Do ponto de vista pedagógico, a inclusão se sustenta no reconhecimento da diversidade como valor e não limite; o contributo que todos os alunos asseguram no caminho para o sucesso acadêmico, promovendo e assegurando a sua participação ativa; a promoção de práticas didáticas que favoreçam a dimensão participativa de todos; a ideia de uma escola que aprende consigo mesma, melhorando continuamente para garantir a ligação entre a cultura e os problemas de uma realidade em constante mudança.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A educação inclusiva é entendida como um processo que visa garantir o direito à educação para todos, seja qual for a diversidade de cada um decorrente de condições de deficiência e/ou desvantagem psicofísica, socioeconômica ou diferença cultural. Embora a escola tenha um papel fundamental na propagação do conhecimento, às vezes percebemos que ainda se concebe uma forma de ensino que prioriza o intelecto e desaprova o lado afetivo e emocional, não dando a devida importância de que o ser humano é um indivíduo cuja intelectualidade e emoção se unem e, dessa forma, influenciam o desenvolvimento cognitivo e que podem deixar lacunas na formação integral dos alunos. Quanto à educação especial, se não praticarmos a inclusão, reproduzimos os moldes de nossa sociedade, em que ainda há exclusão, pois segue a mesma linha de estruturação da educação tradicional (COELHO, SCHMIDT, 2018)

No papel do professor que atua nas escolas, ressaltamos que há uma importante necessidade de aprender com o aluno que busca o cuidado, aquele aluno que muitas vezes é discriminado ou mesmo ignorado por causa de suas dificuldades ou necessidades. De acordo com MACHADO (2001) ainda existem diretores, professores e pais que apresentam uma certa “ignorância” em aceitar que o perfil dos alunos mudou e que as crianças e adolescentes de hoje não são mais os mesmos que tiveram acesso à escola do passado, de compreender seu próprio mundo interno, estabelecendo um vínculo afetivo com ele para que esse aluno se sinta seguro, e motivado a participar e colaborar com atividades que lhe são propostas, além disso é preciso ter sensibilidade para entender como podemos trabalhar os vários conteúdos com esses alunos. Nessa modalidade de prática educativa, é preciso enfatizar o respeito às peculiaridades de cada aluno, seus processos individuais em que o professor conhece sua sociabilidade, seus limites, sua cognição, seu modo de ser e de estar no mundo. (PIAGET, 1975).

Para interpretar a inclusão como um método de gestão “diário” de aulas, a formação deve ser dirigida tanto aos professores especializados em apoio, como a todos os professores curriculares. Indicações e diretrizes nos lembram que a diversidade representa um grande desafio para a ação didática e educativa: saber enfrenta-la, de habilidades adequadas em estratégias de ensino inclusivas, ele responde que não apenas às perturbações específicas da aprendizagem com outras dificuldades do desenvolvimento e com desvantagem cultural e social, mas aumenta a qualidade da aprendizagem. O objetivo é portanto repensar o planejamento curricular como é aberto a diferentes competências, atento ao crescimento dessas complementares desenvolvidas ou aprendizagem com outras dificuldades do desenvolvimento e com desvantagem cultural e social, mas aumenta a qualidade da aprendizagem para todos os alunos.

Um sistema de educação “inclusivo” só pode ser instituído se as escolas tradicionais se tornarem mais inclusivas em outras palavras, se elas se tornarem melhores na educação de todos as crianças em suas particularidades. As escolas de ensino regular com orientação inclusiva são o meio mais eficaz de se combater atitudes discriminatórias, criar comunidades acolhedoras, construir uma sociedade inclusiva e alcançar a educação para todos. Esta educação deve levar em conta as necessidades dos desfavorecidos, crianças trabalhadoras, moradores de áreas rurais remotas e migrantes, minorias étnicas e linguísticas, crianças, jovens e adultos afetados por conflitos, fome, problemas de saúde aqueles portadores de quaisquer necessidades especiais de aprendizagem ou não.

A inclusão é, portanto, vista como um processo de abordar e responder à diversidade de necessidades de todas as crianças, jovens e adultos através de uma maior participação na aprendizagem e nas comunidades, reduzindo e eliminando a exclusão dentro e fora da “educação”. Tais afirmações baseiam-se em leis sobre a responsabilidade do sistema, em educar todas as crianças. O planejamento cuidadoso da educação inclusiva pode levar a melhorias no desempenho acadêmico, social e emocional, na autoestima e na aceitação. A

inclusão de alunos com quaisquer necessidades especiais em classes e escolas tradicionais pode prevenir a estigmatização, estereótipos, discriminação e alienação. Pensar na educação destes alunos deve ser o mesmo que pensar no que todos os alunos podem precisar. Todos precisam de métodos de ensino e mecanismos de apoio que os ajude a ter sucesso e fazer parte de algo.

O serviço educacional especializado oferece programas de enriquecimento curricular, ensino de idiomas específicos e códigos de comunicação e sinalização, assistência técnica e tecnologia assistiva, entre outros. Ao longo do processo escolar, esse atendimento deve estar articulado coma proposta pedagógica da educação regular. (BRASIL, 2008, p.16).

Partindo do pressuposto de que estudar nossa história é essencial para compreender nossa realidade na educação, nesse sentido SAVIANI (1990) observa que as mudanças históricas que ocorrem em nossa sociedade, em certo sentido, influenciam a educação e isso por sua vez acaba contribuindo para algumas transformações, portanto devemos analisar, os acontecimentos políticos da educação especial no contexto do atendimento educacional especializado e as salas de recursos multifuncionais (SRM) implementadas em várias escolas brasileiras.

Naquela época, não havia precedente legal, nem estudos teóricos aprofundados para a implementação imediata do atendimento educacional especializado nas redes regulares de ensino, em 2007 um grupo de colaboradores, entre profissionais e pesquisadores da área da educação, juntamente com membros da Secretaria de Educação Especial do Mec (Ministério da Educação e Cultura) , começou a elaborar um documento que foi entregue ao então Ministro da Educação Fernando Haddad, em 07 de fevereiro de 2008, intitulado Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da educação inclusiva, onde apresenta, no ponto IV, o objetivo da educação especial nas redes de ensino:

[...] Visa assegurar a inclusão escolar dos alunos com deficiência, perturbações globais do desenvolvimento e altas

competências/dons, orientando os sistemas educativos a garantir: o acesso ao ensino regular, a participação, a aprendizagem e a continuidade nos níveis mais elevados de ensino; transversalidade das modalidades de educação especial da educação infantil ao ensino superior; oferecer atendimento educacional especializado; formação de professores para atendimento educacional especializado e outros profissionais da educação para inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, transporte, mobiliário, comunicações e informação; articulação intersetorial na implementação de políticas públicas. (BRASIL,2008,P.14)

Portanto, podemos avaliar que do ponto de vista da Educação Inclusiva, a Política Nacional de Educação Especial tem como principal objetivo, o de garantir a inclusão escolar a todos os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/dons, orientando essa educação os sistemas garantem a esses alunos o acesso ao ensino regular, com a participação e envolvimento de todos os profissionais da escola.

O atendimento educacional especializado, de acordo como documento já citado acima- Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva- é uma importante ferramenta para a consecução dos objetivos imediatamente elencados, pois é por meio deles que:

[...] identifica, desenvolve e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem obstáculos à plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferem das realizadas na sala de aula comum e não substituem a escolarização. Este serviço integra e/ou a formação dos alunos tendo em vista a autonomia e independência escolar e para além dela. (BRASIL,2008, p.16)

Ao ingressar na escola, o aluno deve se sentir acolhido e aceito, deve ser percebido como um ser em construção. Nesse sentido, devemos conhecer a história de vida pessoal antes de sua vida escolar, o que certamente será essencial nesse processo de ensino-aprendizagem. Enquanto professores devemos ressaltar que há uma importante necessidade em aprender com

este aluno que busca cuidado, compreender seu próprio mundo interno, estabelecendo um vínculo afetivo para que ele se sinta seguro e motivado a participar, colaborando com as atividades que lhes são propostas.

NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA

Realizei meu estagio supervisionado na Escola Estadual Menino Jesus de Praga, localizada na área central da cidade de Caratinga/Mg, com turmas do 1° ao 5° ano, a escola atende cerca de 720 alunos nos turnos matutino e vespertino, vindos de vários bairros da cidade e apresentando diferentes níveis sociais, culturais e econômicos. Logo no inicio pude perceber a presença de alunos com necessidades especiais dentre elas TDAH, Dislexia, Espectro Autismo e um aluno do 4 ano diagnosticado com TOD (este aluno era tido como o grande problema da escola) e um aluno com Síndrome de Down; o que já me causou certo interesse. Busquei informações a respeito de alguma sala de recursos especiais ou um espaço dedicado a atividades diversas, além de realizar um levantamento sobre a existência de alguma atividade da qual estes alunos não participavam. Os alunos do 2° ano da Tia Eliziane (2°ano A) eram crianças muito espertas e observadoras, além de serem também muito prestativas e solidarias, a todo momento percebia algumas delas tentando ajudar um amiguinho, ora com atividades de recreação, ora com as atividades passadas pela professora, diariamente os alunos que tinham mais facilidade em relação às disciplinas pediam permissão à professora para que auxiliassem seus colegas que apresentavam alguma dificuldade, assim a aula decorria de maneira proveitosa para todos. Um dos momentos em que se podia notar claramente que a ideia de inclusão estava inserida na classe era a hora da educação física ou da merenda, Ana Júlia uma aluna que demonstrava carinho e afeto por todos os colegas sempre brincava de ser a professora da turma, ela reunia-se com outras crianças e todos os dias na hora da merenda buscava fazer com que cada um do seu grupo se sentasse à mesa dos colegas que necessitavam de algum tipo de ajuda, seja com a merenda da escola ou a

que levavam de casa; o mesmo acontecia na educação física, onde a aluna e o grupo sempre estava próximo àqueles que por determinado motivo não conseguiam executar as atividades propostas.

Após uma semana a diretora e a coordenadora pedagógica da escola me chamaram e me propuseram que acompanhasse mais de perto um aluno do 2º ano que era portador de Síndrome de Down e estava em tratamento de um câncer, a partir daquele dia me dediquei a buscar informações e ler mais sobre o assunto, sobre as dificuldades de uma criança que apresentava tais necessidades, conversei com seus pais que me contaram tudo sobre o Guilherme, desde seu nascimento, a doença, as dificuldades mas principalmente sobre o amor que tinham por ele, além de empolgada para começar tive muito medo de não dar conta, de não ser capaz ou mesmo de desistir no meio do caminho, mas busquei em Deus força e respostas para este propósito. Me revesti de fé e coragem e apesar da escola me dizer que se tratava de uma criança “difícil” que não se adaptava e por causa de suas dificuldades não se era exigido muito dele, me apeguei ao sonho e maior desejo dos pais que era que ele fosse alfabetizado; achei um tanto desafiador mas aceitei com muito carinho, pois desde muito tempo a área da inclusão e educação especial despertam meu interesse. Guilherme, um menino lindo, brincalhão, fã do “ Lucas Neto” (um influencer que possui um canal infantil no YouTube); carinhoso, inquieto e muito, muito curioso. No começo pensei que não conseguiria estabelecer uma relação de professor-aluno com ele, pois não parava um minuto, corria por toda a escola, não ficava dentro da sala e a professora de apoio designada para estar com ele mal conseguia deixá-lo em seu lugar. Foi quando eu, curiosa que sou, vi que havia na escola uma sala inutilizada e tive a ideia de tentar realizar algumas atividades com ele.

Cabe compreender que, a alfabetização se dá a partir da construção do conhecimento da leitura e da escrita. E para o processo de aprendizagem de escrita de alunos com SD, o professor pode utilizar atividades que despertem o interesse do sujeito, com o intuito de fixar ideias a partir da escrita, pois assim ele fará a relação do significado funcional da língua com o mundo que o cerca. (LURIA,1989)

A partir daí minhas tardes ganharam outro sentido, outra cor, elaborei algumas atividades para alfabetização, junto com ele construímos jogos utilizando materiais recicláveis que haviam na escola, e com o decorrer dos dias e semanas ele foi se apegando e adquirindo confiança em mim, juntei caixas de papelão e construí com a ajuda de uma amiga também professora e minha filha Gabriella um alfabeto gigante com o qual fui apresentando a ele uma a uma as letras, meu objetivo era fazer com que ele conseguisse reconhecer as letras do alfabeto e traçá-las, mesmo que a sua maneira, não exigindo claro, beleza em caligrafia; começando pelas letras do seu nome e do meu já que ele queria aprender também , mas o que realmente o fez identificar, reconhecer as letras e algumas palavras foi quando eu comecei a ensiná-lo através de uma música que ele gostava muito ; como não teria muito tempo trabalhei somente o refrão que continha diversas letras do alfabeto, através da música ele repetia e identificava as letras e algumas sílabas ao vê-la no quadro. Ao final do meu estágio ele já conseguia escrever seu nome, sílabas simples algumas famílias silábicas e claro o refrão da música “Deus é perfeito”. Após finalizar meu estágio dei continuidade por mais um ano como voluntária acompanhando o Guilherme, que desenvolveu muito seu aprendizado; faz pequenas leituras, frases curtas e palavras soltas. Depois dessa experiência pude entender e concluir que a educação inclusiva era algo que eu queria para a vida toda.

CONCLUSÃO

À luz de todas as exposições e análises, para confirmar o que Vygotsky (2005) defende, podemos concluir que a aprendizagem escolar desempenha um papel fundamental e decisivo para que crianças tomem consciência de seus processos cognitivos. Esses processos mentais que as crianças desenvolvem desde a aprendizagem escolar, estimulam o pensamento crítico contribuindo assim para a forma como pensam e agem diante de situações cotidianas da vida. Ainda que portadora de alguma necessidade especial, crianças inseridas no sistema regular de ensino conseguem se sentir parte daquele sistema, não se veem como meros espectadores de histórias e vidas que não são as suas, são processos em constante desenvolvimento que fazem com que não fiquem estagnados. Estimular a aprendizagem será sempre o ponto de partida para o desenvolvimento cognitivo de qualquer criança.

É necessário que o professor de Educação Especial compreenda que o aluno com necessidades especiais é um indivíduo complexo, contextualizado e pensante, reflexivo, e seu desenvolvimento na aprendizagem tem correlação com os aspectos afetivos e cognitivos. Portanto devemos entender que a compreensão destes alunos sobre conteúdos trabalhados em sala de aula, como sujeitos do processo ensino-aprendizagem, possui um nível cognitivo específico e singular que se desenvolverá a partir da relação afetiva entre professor e aluno. Além disso é importante perceber que cada aluno, em suas especificidades possui uma história derivada das relações que se estabelecem anteriormente em seu meio familiar, psicológico, cultural e social que antecedem sua relação com a escola (FERNANDEZ,2001).

Ressalto que é fundamental que a escola como ambiente de trabalho, conhecimento, criatividade, estímulo e reflexão, considere uma educação humanizada e afetiva para desenvolver em toda a comunidade escolar um ambiente de socialização entre os agentes envolvidos, bem como um espaço para a inclusão e, sobretudo, para acolher seus alunos e um lugar

que busca desenvolver suas potencialidades individuais e coletivas, exercitando diariamente a construção da cidadania e do senso crítico em cada uma dessas crianças.

A escola deve educar para a cidadania e trabalhar por um futuro possível para todos, pois fazemos parte da mesma sociedade e do mesmo mundo. Para isso, é necessário desenvolver a consciência de que todos são portadores de direitos e deveres, uma consciência que nos mostre a relação existente entre democracia, cidadania e inclusão. Se cada indivíduo é cidadão e se sente protagonista da vida e da sociedade que o cerca, desenvolve uma democracia contra a consideração negativa da diversidade, contra a rotulagem e a marginalização. Em seguida, é preciso avançar para mostrar a relevância de temas como inclusão e cooperação. O diálogo pode ser um método eficaz para viver juntos em comunidade, uma vez que permite a partilha e conseqüentemente a resolução de eventuais dificuldades que possam surgir na escola. Além disso, é necessário transmitir valores de solidariedade, cooperação, respeito, valorização da diversidade, pois cada um de nós é diferente do outro. Desenvolvendo também princípios de tolerância, participação e pluralismo. Para permitir a inclusão e o desenvolvimento do caminho de adaptação, vários fatores devem ser considerados, dentre eles está o temperamento do indivíduo, sua individualidade, a presença de algum déficit físico, psicológico e/ou social e dar importância ao contexto cultural em que está inserido. Uma figura fundamental para a educação é de fato o professor, aquele que pode facilitar muito o processo de inclusão na escola e concretizar essas perspectivas futuras. O que importa, porém, não é saber ensinar, mas saber ser educador e estar aberto à inclusão e à realização da personalização. O educador deve atuar como um facilitador para a aula tentando permitir o compartilhamento de emoções, experiências, sensibilidade para criar empatia no ambiente escolar. Assim cada aluno será capaz de compreender o outro e considerar os sentimentos e emoções mais do que destacar as diferenças individuais como algo negativo. O educador deve ser a pessoa que incentivará, valorizará, desenvolverá os talentos pessoais e será capaz de transmitir o prazer da diversidade como um dom que torna cada um de

nós único. Por isso, o educador deve desenvolver habilidades de flexibilidade, abertura, escuta e compreensão, para poder criar um programa capaz de atingir a todos da mesma forma e ao mesmo tempo a todos de forma diferente de acordo com suas particularidades. No ambiente educacional, várias perspectivas e objetivos futuros podem ser adotados para alcançar uma educação verdadeiramente inclusiva. Gosto de pensar em desafios criativos para a inclusão, onde novas páginas ainda precisam ser escritas, onde nossa abertura e nossa capacidade de ouvir, de sintonizar uns com os outros estão em jogo. Um exemplo também nos é oferecido pela música jazz, música inclusiva por excelência, onde o diálogo constante, respeitoso e enriquecido pela imaginação e criatividade é possível graças à escuta atenta e ativa de quem está se comunicando. O que parece relacionado ao acaso e à improvisação, é na verdade o resultado de um imenso e constante estudo e trabalho que facilita a realização da palavra que no início do nosso trabalho definimos como polifonia de significados: inclusão!

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.** Lei N° 10.048, de 08 de novembro de 2000.

CAMARGO, Eder Pires de. Inclusão Social, **Educação Inclusiva e Educação Especial: enlaces e desenlaces.** Ciência e educação, Bauru. 2017.

COELHO, Rejane Teixeira. **Afetividade: por uma educação potencializadora e humanizadora na educação especial.** Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor, Curitiba

FERNANDEZ, Alícia. **Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação.** Porto Alegre. Artmed,2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar: **O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo: Moderna. 2006.

PIAGET, Jean. **A psicologia do desenvolvimento.** São Paulo: Pioneira, 1975

SAVIANI, Demerval. A nova Lei de Diretrizes e Bases. Pro-Posições, Campinas, v.1, n.1,p.7-13, mar. 1990.